

mento diz respeito aos aspectos das práticas identitárias que se referem à uma organização composta de excluídos do trabalho como pobres, imigrantes e refugiados, para os quais a realidade é dura e inclui, por vezes, fugir da polícia enquanto trabalham nos mercados de pulgas. Dessa maneira, a partir de tais “restos” a memória vai se reconstruindo por meio de processos comunicativos que refletem identidades sociais e trajetórias pessoais (CABECINHAS et al, 2006) marcadas por exclusão. Finalmente, observa-se que a identidade dos biffins está em constante reelaboração a partir de suas memórias que incluem o que o entrevistado denomina de um misto de trabalho e luta, recheado por práticas e sentimentos que se expressam na linguagem (CANDAU, 2016).

Palavras-chave: Práticas identitárias; Catadores; Memória.

Memória organizacional e institucional na gestão de cooperativas de reciclagem

Rita de Cássia R.S. Brochier
Universidade La Salle

Conjectura-se que a memória organizacional e a memória institucional possam integrar os processos de gestão de cooperativas de reciclagem (GROSS, 2015). O objetivo deste artigo é apresentar um esboço teórico de como a memória organizacional e a memória institucional podem ser compreendidas a partir dos processos de gestão de cooperativas de reciclagem. Para tal, parte-se da abordagem da memória organizacional que se refere ao armazenamento, à compreensão e ao compartilhamento de informações e de conhecimentos que vivificam os processos organizacionais (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002), da memória institucional entendida como “um jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas” (COSTA, 1997, p.9). Diferentemente de empresas tradicionais, o cooperativismo se embasa em valores e premissas como: compartilhamento de ideias que possam beneficiar o coletivo, solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade (OCB, 2017). Os resultados das interseções teóricas denotam que enquanto a memória organizacional busca compreender, armazenar e compartilhar informações dos processos, por meio dos membros da organização (WALSH; UNGSON, 1991; TERRA; GONDON, 2002) tal compartilhamento pode ser en-

tendido como uma recriação de práticas sociais cotidianas que, quando ritualizadas, tendem a se cristalizar ao longo do tempo (COSTA, 1997), o qual remete ao papel da memória institucional que é o de buscar a legitimidade do coletivo por meio das práticas discursivas no presente (COSTA, 1997). Quando esses aspectos são pensados para o cooperativismo popular, observa-se que a memória institucional é recriada a partir do momento em que dado coletivo consegue vivenciar um modelo de produção que promove a transformação da realidade social (LEOPOLDINO, 2008) por meio da geração de trabalho e renda de modo autogestionário (SINGER, 2011; BROCHIER, 2015), diante de práticas discursivas solidárias e agregadoras, evidenciadas na participação dos cooperados (BROCHIER, 2015), as quais emergem em um ir e vir entre as memórias organizacional e institucional.

Palavras-chave: Memória institucional; memória organizacional; cooperativas de reciclagem

Memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia na economia solidária

Ana Lerida Pacheco Gutierrez
Maria de Lourdes Borges
Universidade La Salle

Este trabalho propõe uma discussão teórica sobre as relações entre memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia, especialmente pensando-as em um contexto de economia solidária. O referencial teórico baseia-se em Russel (2006), que aborda a memória coletiva antes e depois de Halbwachs, bem como Apfelbaum (2010), que destaca as propriedades sociais da memória. Candau (2011, 2014) aprofunda as relações entre memória e identidade, uma vez que é a memória que a fortalece, de forma que restituir a memória do indivíduo equivale a restituir sua identidade. A etnometodologia (GARFINKEL, 1967; ; LEVINSON, 1983; COLON, 1995; ARMINEM, 2006; BISPO; GODOY, 2012) se mostra coerente com tais abordagens teóricas, pois ela visa entender o que as pessoas realmente fazem, como elas realizam ou não ações, no caso, em suas cooperativas ou coletivos de trabalho e como constituem sua realidade social. Para isso é preciso que o pesquisador observe o que as pessoas estão fazendo, incluindo como percebem as suas ações e as das outras pessoas, como fazem sentido delas; enfim, que olhe as ações